

Aula 10

VARGAS NAS CRISES DA REPÚBLICA DEMOCRÁTICA (1945-1954)

META

Analisar o mito Vargas, construído ao longo de sua trajetória política, com base no documentário Getúlio Vargas (1974), de Ana Carolina.

OBJETIVOS

Avaliar a importância das imagens produzidas pelo DIP na construção mítica de Vargas no imaginário político brasileiro.

Estabelecer o significado político do suicídio de Getúlio Vargas, em 24 de agosto de 1954, para a manutenção da democracia no Brasil.

Relacionar a herança do discurso nacional-trabalhista contido na Carta-Testamento de Vargas com a política brasileira no período de 1954-1964.

PRÉ-REQUISITOS

Leitura da Carta-Testamento de Getúlio Vargas, na Aula 9.
Assistir ao documentário Getúlio Vargas, de Ana Carolina.

Antônio Fernando de Araújo Sá

INTRODUÇÃO

Olá! Chegamos ao meio de nossa jornada, já que este é o nosso décimo encontro. E como ainda temos mais dez pela frente, respire fundo e vamos lá.

Na aula passada, transitamos pelos conturbados anos 1930 e 1940, com base na trajetória da comunista Olga Benário e na instalação do Estado Novo pelo presidente Getúlio Vargas, com sua política de autoritarismo. Esta aula versará sobre um período em que se definem os rumos e as vicissitudes da democracia no Brasil do pós-1945. É um período conturbado em que o regime democrático é inaugurado contraditoriamente por um golpe de Estado, patrocinado por militares e políticos da União Democrática Nacional (UDN).

No primeiro momento, faremos um breve comentário, contextualizando historicamente os anos do governo de Getúlio Vargas, com destaque para fatos que são fundamentais à compreensão da nossa análise sobre o filme indicado para você assistir; no segundo, passaremos ao processo de análise desse material cinematográfico, fundamentado em alguns teóricos e cineastas.



VARGAS

Podemos estabelecer que, durante o período de 1930 e 1954, Getúlio Vargas ocupou um papel central no cenário político nacional, assumindo posições às vezes contraditórias, oscilando entre a simpatia com o ideário autoritário e corporativista no período de 1937-1945, em que estabelece regras rígidas de subordinação do sindicato ao Estado, e o líder nacional dos trabalhadores brasileiros no período 1951-1954, em que defendia os direitos sociais e a democracia.

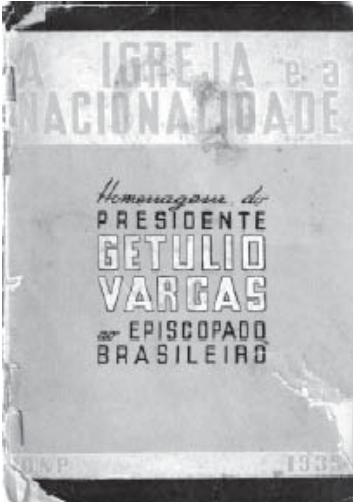
Deste modo, sua contraditória habilidade política propiciou certa idéia de continuidade para uma história política vista a partir das grandes figuras. Curiosamente, apesar de a história das grandes figuras estar proscrita nas nossas universidades nas últimas décadas, é visível e freqüente uma periodização ancorada em Vargas (Era Vargas). Recentemente, temos percebido uma reafirmação do papel do indivíduo na sociedade, conduzindo os historiadores da política “a se preocupar com o papel que os grandes personagens tiveram, têm e provavelmente sempre terão na política; suas ações, se não explicam a história toda, têm nela um peso muito significativo que cabe ao historiador aquilatar” (BORGES, 1998, p. 159-160)

Em 1954, pressionado pelas mesmas forças políticas que golpeariam a democracia em 1964, tendo à frente a cúpula militar, industriais e políticos da União Democrática Nacional (UDN), o suicídio de Getúlio Vargas deixou um legado fundamental para a continuidade do processo democrático, pois, ao desfechar um gesto de tamanha dramaticidade, acabou por derrotá-los momentaneamente, consolidando, ao nível simbólico, o mito de Vargas no imaginário nacional.

Construído no período do Estado Novo (1937-1945), em torno do **Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP)**, o processo de mitificação de Vargas como a “voz da nação”, o “pai dos pobres”, o “amigo das crianças” etc., tem encontrado, em diversos momentos históricos, ressonâncias na produção cultural contem porânea, seja na cultura popular, através da literatura de cordel e de enredos nas Escolas de Samba do Rio de Janeiro, seja na cultura erudita, como é o caso da peça de teatro Vargas, de Dias Gomes e Ferreira Gullar, ou ainda na cultura de massa, com o filme Getúlio Vargas, de Ana Carolina. É com base na análise desse filme que reconstituiremos a trajetória de Vargas nas crises da República Democrática (1945-1954), ressaltando a importância do material arquivístico oriundo do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) e da Agência Nacional, utilizado pela diretora na composição da narrativa cinematográfica.

Ver glossário no final da Aula

GETÚLIO VARGAS NAS CRISES DA REPÚBLICA DEMOCRÁTICA (1945-1954)



Cartilha do Estado Novo. DNC, 1939. Acervo particular do autor.

Produzido entre 1973-1974, o filme de Ana Carolina sobre Getúlio Vargas constitui-se em obra pioneira na valorização do documentário de arquivo no Brasil, inaugurando uma cinematografia sobre os presidentes da República brasileira do período anterior ao golpe de 1964, que foram retomados no chamado “Cinema da Abertura”, em que se destacam os filmes de Silvio Tendler (*Os Anos JK e Jango*) e de Luiz Alberto Pereira (*Jânio a 24 Quadros*). Interessante observar que, diferentemente do filme de Ana Carolina, que experimentou o rigor da censura, os filmes de Silvio Tendler e Luiz Alberto Pereira assumiram um papel ativo na conjuntura política da crise da ditadura militar e do processo de redemocratização no Brasil.

Contudo, o efeito da censura na produção cultural brasileira é considerável, mas não automático, pois encontramos mais obras de interesse e qualidade no período mais nefasto da ditadura militar, até meados da década de 1970, do que no período de redemocratização. Ismail Xavier, teórico do cinema brasileiro, insere Ana Carolina no conjunto de cineastas “que buscam variados compromissos entre os imperativos da expressão pessoal e os códigos vigentes, a indagação mais complexa e a comunicação mais imediata”, tornando-se realizadores que apresentam uma variação entre uma legalidade maior e o risco da invenção (XAVIER, 2001, p. 59-60).



Cenas do documentário *Getúlio Vargas*, de Ana Carolina Soares (1974).

O que vemos neste documentário é o diálogo do cinema com a história, trazendo à tela filmes de arquivo, fotografias, comentários em off de locutor, num trabalho de montagem que se apresenta como documentação autêntica do passado recente (XAVIER, 2001). Assim, o seu eixo narrativo é o acervo cinematográfico da Fundação Cinemateca Brasileira, destacando-se o material de arquivo do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), tendo ao fundo a narração em off de Paulo César Pereiro.

Este foi o primeiro longa-metragem de Ana Carolina que, na mesma época, constitui com Jorge Duran e Murilo Salles a Crystal Cinematográfica. A cineasta contou com a colaboração de Manuel Maurício de Albuquerque no roteiro, Luiz Carlos Saldanha na montagem, Jards Macalé na música, a narração de Paulo César Pereiro e a coordenação geral de Miguel Faria Jr.

Dedicado a Alzira Vargas do Amaral Peixoto, o filme *Getúlio Vargas* pode ser inserido na preocupação da empresa estatal de cinema (EM-BRAFILME) em incentivar a produção de filmes históricos. Entretanto, a abordagem da diretora em momento algum cede aos interesses da burocracia estatal em seus preceitos de manipulação ideológica do filme. Ao contrário, sua exortação ao nacionalismo trabalhista presente na famosa Carta-Testamento, supostamente escrita pelo presidente Vargas, é o ponto de partida de sua narrativa cinematográfica. Talvez fosse uma resposta ao processo de modernização conservadora em que se vinculou o capitalismo brasileiro à ordem internacional. É a encenação do passado para se pensar os problemas do presente na melhor tradição do estilo realista do cinema brasileiro.

É importante observar que a utilização deste material de propaganda não significa a aceitação dos roteiristas ao conteúdo das mensagens de exaltação a Getúlio Vargas. Esse equívoco tem sido recorrente nos debates feitos com os estudantes em sala de aula.

A construção da narrativa segue uma perspectiva cronológica, tendo como elemento definidor a leitura sóbria da Carta-Testamento pelo ator Paulo César Pereio. Há certa aura de respeito pela figura do biografado. A narração se inicia com a crise dos anos 1920 e a Revolução de 1930, enfatizando que os anos 1930 foram marcados pela iniciativa política de constituição do Ministério do Trabalho, da Indústria e do Comércio, a busca de novos mercados e a diminuição das importações. Mas a resistência das ações governamentais se fez presente com a Revolta Constitucionalista de 1932, que, depois de debelada, trouxe o processo constituinte de 1933 e a Constituição de 1934. Nessa época, sob a influência das disputas político-ideológicas européias, organizam-se fascistas e comunistas. A música de Jards Macalé afirma que a solução desta polarização foi a decretação do Estado Novo, com Getúlio como “chefe enraizado”, longe dos radicalismos políticos e fundindo a trajetória do líder com a da nação brasileira.

A ênfase da narrativa é a preocupação com o desenvolvimento industrial e o planejamento regional, ressaltando a solução nacionalista para o problema do petróleo e a implantação da Companhia Siderúrgica Nacional. Também é destacado o papel do Estado na economia com o estímulo à diversificação da produção agrícola.

Entretanto, segundo Lobo (1987), ao invés de abordar apenas uma biografia política, o filme ampliou seu raio de ação ao reconstituir os anos de 1930 a 1950 através de filmes e músicas, cenas cotidianas, jogo de futebol, corridas no jôquei, manifestações políticas etc. A dimensão internacional também é apresentada nas cenas relativas à mobilização da Força Expedicionária Brasileira, na visita de Nelson Rockefeller e Roosevelt, na presença de empresas estrangeiras. Destaca-se, ainda, o avanço da presença cultural norte-americana com a presença de artistas de Hollywood em terras brasileiras.



Góis Monteiro. (Fonte: <http://www.exercito.gov.br>).

O filme traça a mobilização da luta contra o nazi-fascismo durante a Segunda Guerra Mundial e a conseqüente aproximação com os Aliados com cenas de arquivo que favorecem a compreensão do processo de declínio do Estado Novo, por conta do fortalecimento da oposição liberal-democrática e a mudança da postura dos militares diante do novo cenário internacional. O depoimento de Alzira Vargas sugere que foi um golpe branco, desfechado contra Vargas em 1945 pelo general Góis Monteiro. Foi um golpe puramente político, pois permaneceram intactas as estruturas sociais e econômicas. Os atores principais do golpe foram as elites econômicas e oligarquias regionais afastadas do poder em 1930 ou durante o Estado Novo. Vale ressaltar que Vargas influenciou decisivamente na eleição do seu sucessor, Eurico Gaspar Dutra, antigo ministro da Guerra do Estado Novo, com o bordão “Ele disse”, o que deixou desesperados os vencedores do golpe de 1945. Além disso, ele foi eleito senador por dois Estados (São Paulo e Rio Grande do Sul) com expressiva votação.

A sombra de Getúlio permanecia, assim, sobre o país, como afirma Almeida Jr.(1986):

Derrubara-se o homem, mas os mecanismos políticos, o aparato burocrático, o sistema de poder elitista e autoritário iriam permanecer, modificados em alguns aspectos de sua forma, mas idênticos quanto ao conteúdo (ALMEIDA JR., 1986, p. 240).

A viagem de Dutra aos Estados Unidos sugeriu o alinhamento incondicional do presidente eleito aos interesses norte-americanos. Inclusive, no início da Guerra Fria, o governo Dutra desfechou uma violenta onda

repressiva contra o movimento operário-sindical, bem como a cassação do Partido Comunista Brasileiro (PCB). Além disso, o Governo rompeu relações diplomáticas com a União Soviética e também liberalizou as importações, favorecendo a entrada de produtos industrializados norte-americanos. Podemos afirmar que este governo era liberal na forma, mas autoritário no conteúdo e na prática.

Mas talvez o ponto alto do filme seja o retorno de Getúlio Vargas “nos braços do povo” nas eleições de 3 de outubro de 1950. Nesse momento, encontramos a idéia recorrente no discurso populista de



Aspecto da concentração trabalhista de 1º de maio, no estádio municipal do Pacaembu, 1944. São Paulo (SP). (Fonte: <http://www.planetaeducacao.com.br>).

harmonia social nas cenas de entrega de brinquedos e alimentos à população mais pobre, nos discursos de Getúlio no estádio de São Januário e na propaganda institucional presente nos cinejornais. Como sugere Pesavento (1991), o modelo getulista de desenvolvimento – capitalista, nacionalista e industrializante – tinha nesta relação com as massas um forte componente de submissão dos interesses das classes populares ao Estado e, ao mesmo tempo, era um poderoso elemento para a consolidação da burguesia como classe no novo estado democrático.

“Trabalhadores do Brasil”, assim começava Vargas seus discursos. Estabelecia-se, então, a relação entre o carisma do líder populista e as massas através da distribuição de favores. Entretanto, seu discurso político no segundo governo mudara de tom, criticando abertamente a democracia capitalista, “onde a liberdade política não era acompanhada da igualdade social e fazendo apelos à organização das massas populares” (ALMEIDA JR., 1986: p. 246). Isso desencadeou intensa oposição não só no Legislativo, mas também na imprensa, que agora não veiculava apenas o que o governo queria, como na época do Estado Novo. Destaca-se nesse papel o jornalista Carlos Lacerda, cujo atentado desferido contra ele desemboca na crise de agosto de 1954, resultando no suicídio de Vargas. Aliado a esse fato, a divisão no Exército entre nacionalistas que apoiavam Getúlio nas suas ações, e uma ala anticomunista, que se aproximava dos udenistas e via com desconfiança a aproximação getulista com os sindicatos, tornava a situação extremamente conturbada.



A interpretação do filme é de que a crise de 1954 foi ocasionada pela proposta nacionalista de Vargas na condução dos problemas brasileiros, especialmente por conta da criação da PETROBRÁS e do início do projeto

da ELETROBRÁS. Neste sentido, há uma clara opção da cineasta e roteirista de evidenciar os dois grandes projetos que disputaram o eleitorado durante o período de 1945-1964. De um lado, temos um programa político que defendia o nacionalismo e o fortalecimento de um capitalismo nacional, com base na industrialização ancorada em bens de capital e a criação de empresas estatais em setores estratégicos. Além disso, há uma política de expansão dos direitos sociais, como o acesso a restaurantes populares, a extensão do ensino fundamental público e a fundação de grandes hospitais. Essa valorização do capital humano permitir aos comunistas se aproximarem desse projeto nacional-estatista na década de 1950. De outro lado, existia um projeto que galvanizava as elites empresariais, políticas e militares, além das classes médias conservadoras que, espelhando-se na política e sociedade norte-americana, defendiam a abertura irrestrita a investimentos, empresas e capitais estrangeiros. Os fundamentos deste projeto liberal-conservador eram o antigetulismo, o moralismo, o elitismo e o anticomunismo (FERREIRA apud FERREIRA & DELGADO, 2003).

Como o filme optou pela simpatia ao primeiro projeto político, chama a atenção às cenas relativas à dor e à revolta popular com a morte de Getúlio Vargas. Carlos Lacerda foi alvo da fúria popular e teve de deixar o país. A embaixada norte-americana foi atacada, como também os jornais oposicionistas. Ao transformar sua morte num ato político, Vargas, nesta carta-testamento, balizaria ideologicamente o Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), ao defender a inserção das massas populares na política, a luta contra a desnacionalização da economia e a busca por um projeto nacional de desenvolvimento. Como disse Pesavento (1991, p. 62), “O Brasil perdia seu presidente, e o PTB ganhava um mártir”.

Assim resume Tancredo Neves a existência deste que é talvez o mais destacado político da História do Brasil contemporâneo:

Ele teve a preocupação de fortalecer a integração nacional. É uma constante, um pensamento constante na obra de Vargas. Segundo, a preocupação em aprimorar as instituições políticas; terceiro, a preocupação com o desenvolvimento econômico, e quarto, de maneira absorvente, o grande impulso que ele deu à política social no Brasil, à emancipação social do trabalhador brasileiro” (LIMA & RAMOS, 1986, 66).

Da intensa repercussão do suicídio de Vargas nos meios populares, nas principais cidades do país, como São Paulo, Belo Horizonte, Porto Alegre, Rio de Janeiro, Recife, Salvador, Teresina, Natal e Fortaleza, optamos por um breve relato das manifestações em Aracaju, que representaram verdadeiros motins populares contra os políticos vinculados à União Democrática Nacional (UDN). Esse episódio da história sergipana serve para que os es-

tudantes percebiam os momentos de suspense e apreensão à espera do desfecho da crise de agosto de 1954.

Conforme foi relatado por Rosemary Santos, da noite do dia 23 para o dia 24 de agosto, vemos a passagem da alegria pela suposta vitória política da UDN, com a renúncia de Vargas, para o medo e a preocupação com a revolta popular desencadeada pelo seu suicídio nas ruas de Aracaju e Estância. O comércio fechou sob a pressão da multidão de operários e estudantes. Mesmo aqueles que trabalhavam em casa, como é o caso de costureiras, foram obrigados ao luto. Na manhã de 24 de agosto de 1954, o PTB de Sergipe organizou uma passeata que percorreu os bairros populares de Aracaju, culminando com um comício na praça Fausto Cardoso. Ali a fúria popular contra os adversários políticos de Vargas ocasionou o linchamento de Lídio Antônio da Paixão, candidato a vereador pelo PSP, após seu discurso em que defendeu Leandro Maciel, presidente da UDN em Sergipe.

O ato impensado e trágico da multidão fez com que o PTB adiasse a concentração marcada para o dia 25 de agosto, à tarde, no bairro Siqueira Campos. Entretanto, espontaneamente, a multidão exaltada saiu às ruas, depredando as seções eleitorais da UDN, Rádio Liberdade de Sergipe e o Jornal Correio de Aracaju.

A multidão só foi contida com a intervenção política das lideranças petebistas, combinada com a ação da polícia e do Exército. Embora os motins tenham acabado no dia 25 de agosto, inúmeras homenagens a Vargas estenderam-se até o trigésimo dia de seu falecimento.

A identificação do líder com as massas e o intuito da construção da imagem do suicídio heróico tornou compreensíveis as reações públicas de dor, revolta e, às vezes, de histerismo coletivo. Envolto no clima da Guerra Fria, não podemos esquecer ainda da repressão policial desencadeada contra os comunistas por supor que eles insuflaram as massas, como foi noticiado no jornal *A Cruzada*, de Aracaju.



Cortejo fúnebre do presidente Getúlio Vargas na praia do Flamengo, agosto de 1954 (Fonte: www.cpdoc.fgv.br).



CONCLUSÃO

Personalidade complexa e, por vezes contraditória, Vargas parece um fantasma que ronda, nas últimas cinco décadas, o debate político contemporâneo no Brasil. Curiosamente, foram as reformas neoliberais, levadas a cabo pelo governo Fernando Henrique Cardoso, em que se propunham o fim da Era Vargas, que elevaram para o centro do debate político o legado do nacional-estatismo. Questões como a flexibilização das leis do trabalho, o papel do Estado como agente direto do desenvolvimento econômico, a redução da dependência brasileira em relação ao mercado financeiro internacional ou ainda a quebra do monopólio estatal do petróleo e o atual debate sobre a venda das reservas petrolíferas por parte da Agência Nacional de Petróleo, remetem-nos à herança getulista.

Atualmente, vivemos uma situação um tanto paradoxal sob a proteção do Governo Lula, na medida em que as soluções apontadas têm aprofundado as reformas liberais-sociais anteriormente questionadas pelo Partido dos Trabalhadores, ao longo da década neoliberal de 1990. Sob a hegemonia do capital financeiro, os atuais governantes do Palácio do Planalto vislumbram ações para os nossos problemas num sentido diametralmente oposto ao discurso nacionalista. As esquerdas nacional-estatistas, um tanto atordoadas, voltam a se mobilizar, especialmente com as greves dos servidores públicos federais nos últimos dois anos e a reiterada combatividade do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST).

Talvez a persistente presença getulista no cenário político nacional possa ser explicada, em parte, por seus fortes vínculos com a idéia da construção de um Brasil moderno. Cabe lembrar que, atualmente, o campo de luta política ainda está em aberto, no qual se trava o embate entre valores liberais e as propostas democráticas da tradição nacional-estatista, pois, definitivamente, as lutas em torno de um projeto de nação ainda não se tornaram um “passado que passou” (REIS FILHO, 2004, 39).



1. Com base no conteúdo desta aula, faça uma entrevista com alguém que vivenciou alguns desses acontecimentos, explorando como a memória sobre Vargas se apresenta hoje no imaginário social no Brasil.
2. Compare as trajetórias dos presidentes Vargas e Perón, refletindo como a conspiração político-militar contra eles serviu de elemento mobilizador das correntes político-ideológicas que lutavam pela herança dos presidentes nos anos 1950.



RESUMO

Nesta aula, ressaltamos a complexidade política de Getúlio Vargas, em que a ambigüidade e a eficácia do seu discurso possibilitaram sua permanência no cenário político brasileiro, mesmo depois de sua morte, e que repercute, para o bem ou para o mal, até os dias atuais. Neste sentido, podemos identificar a existência de várias imagens de Getúlio Vargas: o nacionalista, o oligarca, o corporativista, o ditador no Estado Novo, o democrata no segundo governo, o líder dos trabalhistas. Além de rica pesquisa iconográfica e musical, a cineasta se posiciona ante o debate historiográfico e opta pela interpretação de que a crise de 1954 foi ocasionada pela proposta nacionalista de Vargas na condução dos problemas brasileiros através do fortalecimento de um capitalismo nacional, com base na industrialização ancorada em bens de capital e na criação de empresas estatais em setores estratégicos, além de uma política de expansão dos direitos sociais. Deste modo, Vargas foi personagem fundamental no processo de transição da sociedade brasileira para um padrão urbano-industrial e para um Estado moderno, mas que sucumbiu perante as pressões localizadas em setores que propunham a liberalização da economia brasileira: as elites empresariais, políticas e militares, além das classes médias conservadoras.

O DESENVOLVIMENTISMO

“Kubitschek inaugura a fase do ‘desenvolvimentismo’, último surto que a expansão capitalista logra realizar sob a cobertura do sistema populista. O novo impulso à industrialização estará uma vez mais vinculado a um aumento da participação do Estado – de forma direta e indireta – no aparato produtivo.

Mas nas novas condições – ditadas pela escassez de divisas e pelas necessidades crescentes de importação de equipamentos pesados -, o apoio à industrialização far-se-á abrindo todas as portas para o capital estrangeiro. Para atrair tais investimentos, o governo permite a suspensão de imposições aduaneiras para que filiais de firmas estrangeiras introduzam maquinaria no país, o que lhes dará vantagens decisivas frente às empresas nacionais concorrentes. Assim, no governo Kubitschek, o nacionalismo varguista revela-se como seu contrário: aparece como um projeto de industrialização para a ‘emancipação nacional’, enfrentando os interesses estrangeiros e nacionais na preservação da ‘vocaçãõ agrária’ do país que se opunham à ‘industrialização artificial’. Dado que a forma então vigente da

dependência econômica do país consistia na preservação de sua função primário-exportadora na divisão internacional do trabalho, a ideologia industrializante aparecia como sinônimo de nacionalismo, pois o governo Kubitschek efetuará uma política de intervenção estatal a favor da industrialização acelerada (enfrentando a grita da oposição udenista e das pressões do FMI), mas estimulando a intervenção estrangeira, que logo controlará as áreas dinâmicas da indústria nacional, sobre o setor de bens de consumo duráveis. Se um setor da burguesia industrial do país será eliminado nesse processo, os que logram associar-se de um ou outro modo com o capital estrangeiro, ainda que se subordinem a este, passam a beneficiar-se dos aumentos de lucros por ganhos de produtividade implícitos nos novos padrões tecnológicos e do acesso a novas áreas de conhecimento.

Assim, em condições difíceis de comércio externo, a produção industrial conhecerá elevados índices de crescimento. Em 1959, o valor da formação bruta de capital fixo na indústria será mais do que o dobro do existente em 1955. É o período em que se instalam as indústrias automobilísticas, de construção naval, eletrônica pesada e várias mecânicas pesadas.

[...]

É nesse quinquênio que a participação da indústria no Produto Nacional Bruto ultrapassa definitivamente a da agricultura: de 1955 a 1959 a agricultura desce de 25,1% para 22,6%, enquanto a indústria sob de 24,4% para 25,4%. Seguindo os padrões da relação entre os dois setores estabelecidos desde 1930, a agricultura prossegue fornecendo recursos para a indústria, seja através das divisas de exportação, seja pela transferência de renda através das políticas de preços, seja pela oferta de contingentes de mão-de-obra expelidos do campo e que vêm constituir uma massa proletária urbana que pressiona os salários para baixo. Entre 1940 e 1960 a população rural cresceu de 37,5% e a urbana de 148%; a população ativa no setor primário passou de 9 a 12,2 milhões de homens enquanto no setor secundário passou de 1,4 a 3 milhões”.

SADER, Eder. *Um Rumor de Botas: A Militarização do Estado na América Latina*. São Paulo: Polis, 1982 (Coleção Teoria e História, 11), p. 144-146.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA JR., Antonio. Do declínio do Estado Novo ao suicídio de Vargas. FAUSTO, Boris (coord.). **História Geral da Civilização Brasileira**. 3 ed. v 3. São Paulo: Difel, 1986. Tomo III.
- BORGES, Vavy Pacheco. Anos Trinta e política: história e historiografia. In: FREITAS, Marcos C. de (org.). **Historiografia brasileira contemporânea**. São Paulo: Contexto, 1998.
- FARIA, Antonio Augusto e BARROS, Edgard Luiz de. **O retrato do velho**. São Paulo: Atual, 1984.
- FENELON, Dea Ribeiro (org.). **50 textos de História do Brasil**. São Paulo: Hucitec, 1974.
- FERREIRA, Jorge. Crises da República: 1954, 1955 e 1961. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de A. Neves. **O Brasil Republicano: o tempo da experiência democrática**. v. 3. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- LIMA, Valentina da Rocha & RAMOS, Plínio de Abreu. **Tancredo fala de Getúlio**. Porto Alegre: L&PM, 1986.
- MATTOSO, José. **A escrita da História: teoria e métodos**. Lisboa, Editorial Estampa, 1988.
- MONTENEGRO, Antônio Torres. **História oral e memória: a cultura popular revisitada**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 1994.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. **O Brasil contemporâneo**. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1991.
- REIS FILHO, Daniel Aarão. **O Estado à sombra de Vargas**. Nossa História. Rio de Janeiro: ano 1, n. 7, maio 2004.
- SANTOS, Rosemary Bomfim. **Entre a dor e a revolta: o suicídio de Vargas e os protestos populares em Sergipe (agosto de 1954)**. São Cristóvão, 1999. Monografia (Licenciatura em História). Departamento de História/ Universidade Federal de Sergipe, 1999.
- SOARES, Ana Carolina Teixeira. **Vargas**. Rio de Janeiro: Globo Vídeo, 1974 (filme).
- SZMRECSÁNYI, Tamás & GRANZIERA, Rui (orgs.). **Getúlio Vargas e a economia contemporânea**. Campinas/SP: Editora da UNICAMP, 1986.
- XAVIER, Ismail. **Cinema brasileiro moderno**. São Paulo: Paz e Terra, 2001 (Coleção Leitura).

GLÓSSARIO

DIP: Devido à importância de suas funções, o DIP acabou se transformando numa espécie de “superministério”. Cabia-lhe exercer a censura às diversões públicas, antes de responsabilidade da Polícia Civil do Distrito Federal. Também os serviços de publicidade e propaganda dos ministérios, departamentos e órgãos da administração pública passaram à responsabilidade do DIP.



Carlos Lacerda: Jornalista e político carioca (1914/1977), anticomunista e militante da UDN, foi ferrenho opositor de Getúlio Vargas.